



LIBERA

INFORMATIVO do CÍRCULO de ESTUDOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES - CELIP/RJ
www.celip.cjb.net # CAIXA POSTAL 14.576 - CEP 22412-970 - Rio/RJ - BRASIL # e-mail: celip@bol.com.br
Reuniões do CELIP todas às terças, às 18:30 h, no IFCS/UFRJ, Lgo. de São Francisco, 1 - Centro - Rio/RJ
Biblioteca Social Fábio Luz, sábados de 9:00h às 16:00h, Rua Torres Homem, 790 - Vila Isabel

APONTAMENTOS PRÁTICOS SOBRE O TRABALHO ESCRAVO NA AMAZÔNIA

Em época onde as relações predominantes são as de lucro, de retorno imediato, é comum nos depararmos com as mais diversas situações e distorções sociais. No chamado modelo de compra e venda (capitalismo de mercado), essa variante se abrange níveis muito mais amplos, colocando o próprio homem na condição de ser ele mesmo comprado e vendido, numa espécie de negociação sem fim. Na Amazônia atual esse tipo de relação ganha formas e naturezas específicas. Um grande contingente de homens e mulheres lavradores, de todas as faixas etárias, são submetidos às mais diversas circunstâncias de trabalho forçado.

O processo de trabalho escravo na Amazônia obedece a uma cadeia de interesses viciosa. Sua dimensão se estende a fatores imagináveis, ou seja, todo mundo ganha com isso, desde os *gatos* (agente do latifundiário, encarregado de trazer os trabalhadores até o local de trabalho, aproveitando-se da má situação financeira destes) até as instituições legalistas do estado. É gerada, então, uma complicada teia de beneficiários dispostos a tudo para manter tal cenário, onde só quem perde é o trabalhador, renegado no seu direito à dignidade; atrelado até o pescoço pelas dívidas, oriundas, principalmente, das suspeitíssimas contabilidades feitas pelo *gato* e, também, pelo isolamento e dificuldade de acesso às fazendas na região amazônica.

Segundo dados da Comissão Pastoral da Terra - CPT, só no Estado do Pará foram libertados 1.223 trabalhadores, sendo que 70% destes são maranhenses. Os maiores focos de trabalho escravo estão concentrados, respectivamente, no Pará, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão; sendo o último o campeoníssimo em exportação de mão de obra escrava para os demais estados. Para entender tal fenômeno é necessário compreender as realidades sócio-políticas existentes nos locais de origem do trabalhador, onde as políticas públicas voltadas para a geração de renda e emprego são inexistentes, forçando o trabalhador rural a sair de seu local de origem para aventurar-se por outros estados, muitas vezes sob mentirosas promessas de uma fantasiosa remuneração salarial.

Outro tipo de trabalho escravo é o que ocorre no município de Açailândia, no sudoeste maranhense. Naquelas região, homens, mulheres e crianças são submetidos ao trabalho nas carvoarias, sob grotescas condições e temperaturas elevadíssimas. Observou-se, portanto, que ao contrário do que se pensava antes, o Maranhão, além de exportar mão-de-obra escrava, também passou a gerar trabalho escravo. Sobre tudo se considerarmos o grande número de



denúncias junto aos organismos de combate ao trabalho escravo no Estado, apontando o quadro de precariedade com o qual o trabalhador maranhense é levado a submeter-se, a ambientes insalubres, como é o caso da fumaça produzida pelos quantíssimos fornos de carvão vegetal, expondo os que lá se encontram a inalação de dióxido de carbono, substância comprovadamente cancerígena.

Apesar das denúncias e das penas de multa por parte da Polícia Federal, o trabalho escravo na região amazônica vem, de forma assustadora, crescendo. Movido pela ponderada legislação brasileira de crimes contra os direitos trabalhistas e por

toda uma rede de pessoas que se alimentam deste tipo de prática, o fluxo desencadeador de trabalho escravo vai ganhando amparo no descaso com a problemática. É claro que trabalho escravo no atual modelo econômico, baseado na maximização do lucro e diminuição dos custos, é uma constante em nosso dia-a-dia e presente nos quatro cantos do mundo. Porém, o trabalho escravo na Amazônia obedece a um conjunto de fatores peculiares, capazes de dá-lo uma subdivisão de conceitos específicos por conta de sua natureza própria.

A luta para que a sociedade se atenha a essa questão se constitui num dos principais desafios. Ao mesmo tempo em que as questões relativas ao combate deste tipo de prática estão direcionadas às entidades vinculadas a defesa dos direitos humanos, a sociedade teima em permanecer-se indiferente, esquecendo que sua participação nesta luta é de extrema necessidade, tendo-se em conta que seu papel de sujeito integrativo é indispensável para o fortalecimento da causa, dando um basta nessa prática arcaica.

Reginaldo S. Fernandes (Imperatriz/MA)
r.sfernandes@bol.com.br

ERRATA

No *Libera*... passado (#114) cometemos um errinho na página 4, linhas 20 e 21. A frase correta é: "Sendo mais claro e respondendo a nossa grande questão: os preços não têm espaço para subir porque os salários estão praticamente congelados". Faltou, portanto, a palavra não, o que mudou o sentido da frase.

AS BOCAS

"Não se iluda, pé que dá fruta é o que mais leva pedra"

Wado Jones

Carta ao Camarada X

Prezado camarada X,

Há quanto tempo não nos correspondemos sobre as diferenças nos princípios, atitudes, comportamentos e resultados dos dois grupos proponentes do socialismo nos séculos XIX e XX. O autoritário/totalitário e o libertário.

Conhecendo sua angústia crescente e sua resistência em acreditar na realidade, recordei que havia lhe prometido sugerir uma lista de livros e textos diversos sobre o assunto. Também recordei que você disse que estava muito “velho” para ler livros de centenas de páginas. Mesmo assim coloquei na minha agenda de tarefas a elaboração da lista. Não muito grande é claro, pois nem precisaria sê-lo. Lamento, mas essa tarefa está sendo adiada. Limite-me a algumas historinhas pontuais.

Em 1945 ou 1946, eu tinha 7 ou 8 anos. De repente foi pintado no morro menor dos Dois Irmãos, em letras brancas garrafais, a palavra STALIN. Contaram-me ou li em algum lugar muitos anos depois que, entre os heróis montanhistas pintores, estava o João Saldanha, militante até a morte do Partidão. A palavra STALIN lá ficou visível por todos que visitassem Ipanema e Leblon. Os DOPS e os militares, que eu sabia, nunca se decidiram a subir o penhasco para limpar o super-grafiti. Desapareceu, apagado pelas intempéries, muitos anos depois.

Recordo essa história porque ela simboliza a admiração do partidão brasileiro, ainda em 1945/46, quando, desde do início dos anos trinta, enormes contingentes da esquerda já conheciam bem quem era Koba (sabia que esse era o apelido dele?) e suas inenarráveis façanhas quer na área do terror assassino quer na sua segunda especialidade, as propostas de taticismos oportunistas aos partidões do mundo.

Uma vez, no início dos anos oitenta eu estava almoçando no botiquim Aurora, em Botafogo. Na mesa ao lado estava o João Saldanha com outra pessoa. Não pude deixar de ouvir o seu discurso para o outro. Falava baixo, mas nem tanto, como sempre com ar conspiratório, e apregoava “unidades” (antônimo de diversidades!) maquiavélicas como importantes necessidades. Falava sempre na primeira pessoa do plural - NÓS - no caso, obviamente o PCB, que ainda não tinha se transformado em PPS. Perdi a oportunidade de perguntar-lhe sobre a veracidade da sua participação na pintura do penhasco.

Na lista de livros e textos que estou lhe devendo será adicionado um último de recentíssima edição na Inglaterra. Tem o título de *Koba the Dread - Laughter and the Twenty Million*, escrito por Martin Amis.

Martin é filho de Kingsley Amis, também escritor de renome nos anos quarenta, cinquenta e sessenta, membro fervoroso do Partido Comunista Britânico (BCP) de 1941 até 1956. Kingsley demorou muito mais do que a maioria dos seus compatriotas e inúmeros outros europeus que se mancaram, ainda nos anos trinta e quarenta, sobre com quem estavam lidando na busca do socialismo.

Quantos desses militantes teriam ouvido contar sobre o decreto soviético de 7 de abril de 1935? Muitos, sem dúvida. O que dizia esse decreto? Diminuiu para 12 anos a idade mínima de punibilidade criminal, inclusive a sujeição à pena de morte. Essa lei foi publicada na página frontal do Pravda e causou consternação mundial. O PC francês rigidamente stalinista (penso que até hoje) saiu-se com a seguinte pérola: “crianças sob o socialismo tornam-se adultos muito mais rapidamente”.

O pior era o que estava escondido atrás do decreto. Stalin tinha dois objetivos principais: um objetivo social ou, preferiria definir como pseudo-social, isto é, apressar a liquidação das multidões de *besprizornye* mais conhecidos entre nós como Meninos de Rua, criados pelo regime com suas políticas de coletivização e genocídio no campo no quinquênio inicial dos anos trinta, sem falar das seqüelas, nessa área de orfandade e abandono de crianças, que datavam da guerra

civil 1918-1921. O segundo objetivo era muito mais maquiavélico, dito político: aplicava pressão barbárica sobre os velhos bolchevistas oposicionistas, Kamenev e Zinoviev que tinham filhos na idade cuidada pelo decreto.

Instruções secretas regulamentavam detalhes do decreto usando argumentos sobre a necessidade do estado necessitar dessa “última linha de defesa” contra os garotos de 12 anos. Os campos de prisioneiros do Arquipélago Gulag encheram-se de crianças. Provavelmente o João Saldanha e tantos outros, salvo certamente Graciliano Ramos, racionalizariam a extrema necessidade de tal decreto. Será que ao se arriscar, como herói do socialismo, na escalada do paredão do menor dos Dois Irmãos, ele estaria informado sobre o decreto de 7 de abril de 1935?

Um teste interessante poderia ser feito com o Oscar Niemeyer, perguntando-lhe se acreditaria nessa história. Qual seria a probabilidade dele negá-la com irritação?

Em entrevista ao Caderno “Mais” da Folha de S. Paulo, em janeiro de 1999, o historiador britânico Eric Hobsbawm fez declarações, algumas das quais reproduzimos aqui: “O objetivo do comunismo, mesmo do pior comunismo era universalista”. Até aceitaríamos, sem grandes críticas, essa constatação, entretanto, as declarações que se seguiram surpreenderam na medida em que, de certo modo, poderiam ser consideradas inesperadas face à obra de Hobsbawm, sobretudo seus textos sobre a revolução industrial no Reino Unido.

“O comunismo não foi genocida. É verdade que Stalin deportou populações, mas não o fez com o intuito de eliminá-las por completo pelos simples fatos de existirem...”

“É claro que é preciso denunciar as catástrofes provocadas pela Rússia Soviética, mas não nos esqueçamos que o gulag se deveu muito a decisão de industrializar com mão-de-obra forçada. Se fosse preciso construir uma indústria de níquel no ártico, não seria possível fazê-lo sem empregar trabalho forçado”.

Meu caro X, o que você acha desses trechos? Mas não se preocupe, houve evolução.

Em entrevista a mesma Folha de S. Paulo em 13 de novembro de 2002, Hobsbawm, perguntado, no final da entrevista, se o livro de Martin Amis, lançado na mesma época de sua biografia, era antagônico no que se referia a Stalin, respondeu: “O livro de Amis não propõe uma visão do século XX. Foi escrito por um homem que nunca pensou muito sobre o assunto e não sabia nada sobre ele até recentemente. Não é um livro original e se baseou apenas em literatura de segunda mão. Amis tem pouco entendimento sobre a história da Rússia. Mas entendo que pessoas como eu, que prestaram pouca atenção aos horrores do stalinismo (Ora viva Professor Hobsbawm!) devem dar boas vindas a qualquer denúncia desse tipo. Sei que deveria ter dado mais atenção a essas coisas do que fiz no passado”.

“Essas coisas” têm enorme possibilidade, ao contrário do que afirma Hobsbawm, de terem sido do interesse de Martin Amis desde muito tempo. Afinal, conviveu com o drama do próprio pai Kingsley em relação a sua longa fidelidade de 15 anos ao PC Britânico. De fato, Martin não pesquisou em fontes primárias. A ironia do trecho “literatura de segunda mão” deixa uma impressão de grossa fofoca ou, como fica melhor em inglês, *mischief*. O início do livro tem um texto um tanto dispersivo e caótico que vai se organizando com o passar dos capítulos. Nota-se uma indignação que, se acusada de exagerada, seria aquela que o pai teria tido se tivesse mais dados sobre Stalin quando rompeu com o partidão britânico.

No mais, a bem vinda autocritica final de Hobsbawm vem atrasada de quase 70 anos em relação às análises de Eric Blair/Orwell, 46 anos em relação ao rompimento de Kingsley Amis, ou, em média, 50 a 60 anos em relação à conscientização de inúmeros intelectuais que vislumbraram e denunciaram o dano espantoso causado à busca da utopia socialista libertária pelos hábitos e comportamentos totalitários de Stalin e diversos outros dirigentes da Rússia Soviética, com seqüelas que endureceram malignamente corações e mentes em todo o planeta.

Em nível mais doce, nesse período de inevitável esperança pós 27 de outubro, como seqüela permanente das instruções menos bárbaras de Koba aos partidos do mundo sobre “unidades” e outros taticismos, aparece à cena televisada do Senador Roberto Freire falando sem pestanejar sobre a eventual participação no governo Lula: “Se formos convidados aceitaremos com muita honra!” A palavra “honra” seria um ato falho?

Duarte da Paz (Rio de Janeiro/RJ)

**Assinatura anual de apoio (seis exemplares - R\$ 7,00);
pacote de 10 Liberas (R\$ 3,00).**

**Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c
Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o
CELIP (Aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal)**

Tiragem: 2.000 exemplares.

**Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião
do Coletivo Editorial do CELIP.**

Assine o Libera... Apoie a imprensa libertária!

A Esgrima e a Militância

"A esgrima é a mais liberal das Artes – consiste em dar sempre e receber jamais."
Voltaire

Embora possa parecer estranho relacionar algo cuja imagem associamos à aristocracia, mosqueteiros e Errol Flynn com a duras lidas da atividade política, eu gostaria de convidar o leitor a refletir comigo sobre alguns aspectos históricos que julgo interessantes... e daí tecer as nossas reflexões metafóricas...

Apesar da luta de espada estar ligada à imagem dos cavaleiros medievais e outros, a esgrima propriamente dita, nasceu na Idade Moderna, com a proliferação das armas de fogo que tornava inútil o uso de armaduras. Até o Renascimento, o que valia era a força física e o gume das 'claymores' (a espada do filme "Coração Valente"), "durindanas", achas e maças de guerra. Comparando a uma quase equivalente experiência cotidiana moderna, o confronto corporal consistia em abrir uma lata sem abridor... na ponta de uma faca, mas com o pior interesse possível na 'conservação' do 'enlatado'. Claro, já haviam técnicas para essa funilaria e usavam-se também os escudos... No entanto, quando a armadura tornou o cavaleiro o alvo lerdito ideal para um disparo de arcabuz – e, ao contrário do que se passava contra os arqueiros ingleses na Guerra dos Cem Anos... ainda inútil para a luta corporal, abatido mesmo por um tiro de pistola antes que, com sua pesada couraça, chegasse próximo o bastante do adversário... era questão de tempo para que socos, pontapés e espadeiradas virassem algo mais técnico já que qualquer contato sem uma cota de malha poderia ser o último!

O abandono da couraça permitiu a adoção de um tipo de espada longa, muito afiada e pontiaguda, a "rapieira". O nome deriva de um tipo de tecido ou veste de gala e cerimonial com que se utilizava esse tipo de espada bonita, artística e leve, imprópria para o combate com armaduras. A prática da esgrima no início era proibida como uma atividade considerada ligada à bandidos, malfetores e arruaceiros, aos vilões e a plebe... No entanto, quem poderia ensinar ao nobre, como defender-se apenas com uma espada – era aqueles que habitualmente tinham aprendido a valer-se sem a proteção de armaduras: o soldado de infantaria leve e outros de mesmo naipe. A própria 'rapieira' era vista com desprezo na Inglaterra Elizabetana pois com ela podia se matar com uma única estocada – *touché!* – ao contrário do uso ortodoxo da pesada espada tradicional que recomendava o faticamento do oponente. Enfim, daqueles 'seletos' professores, que se sofisticaram na luta com a nobreza e graças a metalurgia e ao aço de Toledo, que, quase na mesma época em três países surgiu a esgrima! Inclusive, um toque de modernidade, com a publicação de livros que preservaram o fundamental das técnicas... na Itália, França e Espanha. "La Verdadera Destreza" e outros livros mostravam as guardas e modos de atacar com espada e punhal – algo que se assemelha vagamente aos filmes de mosqueteiros...

Outro toque de modernidade, ligado à vida cidadã, é o uso da espada em duelos ter sido uma 'febre' nos três países citados – daí o desenvolvimento das escolas e estilos de esgrima. Uma arte civil – parodiando Clausewitz o argumento seguinte em qualquer discussão entre burgueses de uma mesma cidade ou não... a forma prática e pessoal de resolver desavenças... a revelia da justiça forense e das salvaguardas contra as desigualdades técnicas... talvez uma herança do senso de 'Divina Providência' que se acreditava preservar o inocente no 'Ordálio' medieval.

O Estado Moderno se consolidou, a custos desencorajou a prática pela burguesia do duelo, costume assimilado da nobreza, o uso de armas brancas como parte do vestuário civil foi banido e a esgrima virou disciplina militar. Ainda assim, no início do século XIX, ainda era comum encontrar nos jornais franceses o militar reformado, a serviço da 'imprensa' e prestando plantão para desafiar para um duelo alguém que fosse lá reclamar alguma lama lançada à sua reputação. Por fim, a esgrima tomou-se um esporte – muito praticado na Europa e um pouco nos EUA... infimo no Brasil. Esporte dinâmico, ágil... Porém pode-se chamar de esgrima a qualquer arte marcial que envolva o manejo de um bastão ou lâmina... Assim, teríamos ainda uma 'arte popular' não estruturada mas de amplo uso "civil" do manejo de machetes pelos camponeses de toda a América Central e por qualquer bóia fria, cortador de cana, com a devida habilidade... O uso da 'peixeira', que salvou a vida de alguns paus de araras da FEB nas trincheiras da Itália, curiosos de saber como eram as tripas dos alemães e ignorantes da sua "superior qualidade" como arianos... O 'jogo do pau' que qualquer ancião trasmontano domina e cujo confronto com o capoeira armado de navalha é descrito no *Cortijo* de Aluísio de Azevedo. Isso sem falar nas artes orientais...

No entanto, o que o esporte moderno tem a ver com a legítima esgrima? Nada! Além da semelhança superficial... Inclusive os filmes 'históricos' mostram uma imagem das lutas com rapieiras que deve ter uma semelhança muito pequena com o verdadeiro conflito. Hoje, inclusive, há grupos que estudam os livros antigos e, com as devidas proteções e cuidados, buscam manter ou redescobrir a velha técnica. E, qual a razão disso? Quinze toques! Sim, o 'jogo de esgrima' competitivo consiste em um dos adversários conseguir dar 15 toques noutro antes de recebê-los... pontuação registrada eletronicamente! As guardas e atitudes sempre são 'ofensivas'... A diferença dos ensinamentos com as rapieiras ancestrais das espadas e floretes olímpicos é total. Todas as figuras originais mostram oponentes cuidadosos, guardas elevadas, a busca de iludir o outro quanto a direção do golpe e a necessidade de se evitar a todo custo qualquer toque de uma navalha lâmina dupla e mais de um metro de comprimento. Na vida real, qualquer descuido resultaria, no mínimo, em uma cicatriz, fora a chance de receber uma outra estocada... fatal...

Talvez fosse interessante, aos nossos militantes, buscar algum senhor idoso de origem ibérica para aprender as técnicas do 'jogo de pau' ou 'varapau'... se

não quiserem o orientalismo formal do *Bô* – popularizado nos anos 80-90 por uma das 'tartarugas ninjas'. A prática de artes marciais sempre ensina a controlar a adrenalina, desenvolve agilidade e permite o exercício da virilidade intrínseca ao ser humano, independente de seu sexo ou opção sexual. E, sobretudo, permite perceber que mesmo no treinamento inocente, as vezes podemos nos machucar...

A militância política, o próprio conceito da política como algo ligado ao morador das cidades, assim como a esgrima, pode ter a sua origem ou ressurgimento traçada até ao mesmo período histórico. O Terceiro Estado se manifestava apenas como a turba insurgente e se segmentou... O povo ficou no andar de baixo enquanto a burguesia galgou, em poucos séculos, o acesso a cobertura do Primeiro Estado. Aliás os antigos moradores só mantêm um pouco da pose nas ilhotas inglesas e alhures... A militância política passou por um duro processo de contenção e adestramento partidário... Processo que começou no século XIX e seguiu, a custa de partido únicos, muita porrada e tirania... seguida de *welfare state* e uns anéis... de bijuteria graças à produção industrial massiva, mas nós, plebe, nos fascinamos com o faiscar em não com a gema em si... vitrílio serve!

Hoje temos um "consenso" hipócrita sobre cidadania, voluntariado etc... desde que seja só tapa-buracos... Depois, votar e votar... Por outro lado, encontramos uma geração aguerrida, que anseia pelos enfrentamentos como em Seattle e Gênova... Os dois extremos são minoritários – ainda que, como 'caridade' não resulta em risco para a integridade do crânio, a tendência é dos 'amigos' da escola, do Bairro, da PQP seja sempre a ser maior... em tempo de estabilidade econômica e relativa fartura...

A luta partidária disciplinada. Todos os habitantes filiados em partidos. Discutindo programas. Escolhendo, em prévias, os melhores pares... Isso é uma utopia simplória de uma via para modificação da sociedade... Ainda que possa oferecer algumas soluções para os desconfortos não estruturais. No fundo, a luta eleitoral é como a esgrima olímpica – descolada da nossa possibilidade pessoal. Dela o indivíduo se *aproxima* no voto e pronto... Segue a distância como um torcedor de futebol... na melhor das hipóteses...

A atuação em ONGs e no voluntariado complementar pregado pelos governos dos países 'democráticos'. A tal 'sociedade civil organizada' inclusive nos sindicatos e o 'enfrentamento' estilo Seattle são faces opostas de algo que lembra a esgrima que se poderia praticar com os amigos ou no clube. Se houver cacife para pagar o Clube de Regatas Tietê ou outro de tal porte... Ainda que se tente 'redescobrir' a 'técnica original' e haja até malucos que pratiquem com espadas afiadas – com coletes de kevlar etc... Ainda assim, o oponente no máximo sairá com um talho no rosto – como nos antigos 'clubes de duelo' populares na Alemanha até o início do século XX. Não é para valer – mesmo que corra um tanto de sangue... Quem já praticou *kumitê* em qualquer arte marcial pode entender que mesmo nos acidentes... são acidentes... ufa! Veja bem, não pregamos violência! Antes pelo contrário, alertamos que apesar do têsão da manifestação e tudo mais... o sistema aceita e até precisa de certo grau de virulência oposicionista. Serve como justificativa perante a maioria apalermada, para amedrontar e treinar!

Enfim, como encontrar a luta séria – a militância que realmente, como no duelo original, era um jogo de vida ou morte? Nesse caso, de transformação ou preservação do *status quo*? Não tenho todas as respostas mas buscamos inverter o 'voluntarismo'... atuar despertando ou buscando organizar os moradores de um local ou usuários de um serviço (o posto municipal, por exemplo, com onde sempre encontramos alguns funcionários que consideram um favor atender ao gado humano)... Instrumentalizar grupos de mulheres, discutir a sexualidade além dos temas habituais, além da questão da opção mas até do prazer pleno, das técnicas do *tantra*, de experiências que hoje são apenas usufruto da pequena burguesia libertina, discutir religião naquilo que envolve a moral submissa da mulher, educar e criar oportunidades de conhecer a cultura, não apenas um estilo de música mas as criações clássicas, criar grupos de teatro e cooperativas de consumo ou de trocas de dicas de nutrição etc etc... muitas vezes, já há uma ONG ou um espaço ao lado, com pessoas interessadas e tocando uma atividade... O que precisamos é inverter o espírito da participação – buscar nela a superação/ transformação da sociedade... Não será o único modo, mas pode ser um modo de reencontrar o povo e devolver-lhe a "verdadeira destreza"... letal para a classe dominante!

A guisa de reflexão final – como na esgrima séria – todo treinamento não substitui a prática e toda técnica não impede que os floreios criativos da situação real ofereçam oportunidades de estocadas certas... Não podemos definir ou traçar rumos em gabinete, em um teclado... O princípio contido é de preparar a sociedade, não apenas empenhar os esforços num ritual complementar as eleições – a campanha do voto nulo... Ou sermos tão radicais que nos segreguemos e deixemos de atuar no cotidiano onde ganhamos a vida ou na vizinhança onde moramos, estudamos, namoramos etc. Por fim, o melhor indicio que estaremos acertando na nossa atuação não será apenas a borrachada da polícia... Será, sobretudo, a tentativa de cooptação e esvaziamento das nossas iniciativas... Porém, se as armas da autogestão e da ação direta estiverem afiadas nas mãos da população e as condições se tornarem propícias... *touché!*

Henrique Zucchi (Rio de Janeiro/RJ)

Relatório do I Fórum Libertário do Araguaia-Tocantins

Imperatriz/MA, 6 a 8 de setembro de 2002

Nun momento em que as discussões relativas ao movimento anarquista giram em torno da necessidade de uma prática organizacional, pouco se deu importância aos seus aspectos regionais. Em meio a essa dimensão de entendimento, foi realizado entre os dias 6 e 8 de setembro de 2002, o I Fórum Libertário do Araguaia-Tocantins, abordando a temática: "A Identidade Regional e Popular do Anarquismo no Contexto das lutas Sociais". A cidade proponente, por esta vez, foi Imperatriz, na região araguaia-tocantina da Amazônia, localizada na parte sul-maranhense. Sendo sua programação realizada integralmente na Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, numa sala cedida especialmente para o encontro.

Fizeram-se presentes as seguintes delegações: Centro de Cultura Negra Negro Cosme - CCN/IMP, União Libertária do Maranhão - ULMA-punk, União Metropolitana de Estudantes Secundaristas de Imperatriz - UMES, Sindicato dos Professores de João Lisboa, Grupo de Estudos Anarquistas Libertários - GEAL, Associação de Moradores da Redenção, Comitê Estadual Contra a ALCA/São Luís, Movimento Organizado Hip Hop Quilombo Urbano/São Luís, Núcleo Libertário Reflexo do Caos - NLRC-punk, Grupo Anarquista ArTeseio/Imperatriz (orientação especificista) e participantes independentes.

No primeiro dia, 6 de setembro, constou basicamente com a abertura do fórum de discussões, iniciando-se com a leitura de textos reflexivos por parte do Grupo ArTeseio, enfocando a necessidade de se discutir um anarquismo organizado em seu contexto regional. Após, formaram-se GT's (grupos de trabalho) em torno da temática. À tarde, foi exibido o filme "Terra e Liberdade", seguido de debate. À noite houve um Sarau Libertário.

No segundo dia, 7 de setembro, houve ato de apoio ao plebiscito nacional sobre a ALCA e repúdio ao atrelamento dos movimentos sociais ao desfile militar, abafando todo seu conteúdo classista em favor da programação do chamado governo "democrático e popular" (o modo petista de governar Imperatriz). À tarde, foi apresentado o projeto de pesquisa: "A Produção Cultural Operária no Brasil do Início do Século XX", por Reginaldo Fernandes. Novamente, pela noite contou-se com a fraternidade construtiva do Sarau Libertário.

Ao terceiro dia, 8 de setembro, domingo, o número de participantes havia consideravelmente diminuído. Apesar disso, consideramos o I Fórum Libertário do Araguaia-Tocantins um indicativo para a necessidade de realização de um Fórum Nacional a ser realizado em data e local a serem confirmados.

Discussões e Resoluções Propositivas

Um primeiro questionamento surgiu e se referiu ao modo de como desenvolver o Fórum, ou seja, que fosse direcionado rumo a uma produção documental das discussões. A abordagem metodológica, neste caso, ficou por conta da formação de GT's, enfatizando seu teor construtivo para ocasião. Assim, os objetivos basearam-se numa construção incessante por um Fórum Libertário do Araguaia-Tocantins cujo ambiente é:

a) A diversidade no campo dos explorados e oprimidos, buscando uma discussão semelhante às necessidades de se auto-organizar frente aos modelos de exploração e dominação;

b) A tomada das decisões desenvolvidas de forma direta, horizontal e autogestionária;

c) A destruição de todas as formas de corporativismos visando permitir o diálogo livre em conjugue com as relações integrativas, visando o enriquecimento de todos. Diante dessas condições, o I Fórum considera indicativo que sua metodologia obedeça aos princípios acima expostos, isto é, que seja regido numa discussão libertária, de baixo para cima, na reciprocidade entre partes, respeitando as diferenças e preservando pela plataforma de organização do I Fórum Libertário do Araguaia-Tocantins. Os GT's constituirão a parte construtiva do I Fórum, obtendo caráter resolutivo. Os Saraus terão como finalidade a confraternização libertária entre os companheiros, entendendo-se aí como contribuição cultural aos participantes.

Propostas deliberadas com base na temática: "A identidade regional e popular do anarquismo no contexto das lutas sociais"

A partir das discussões decididas nos GT's, foram deliberadas as seguintes propostas em prol de um anarquismo organizado e regional:

a) Resgate à cultura popular, gerando formas de libertação a partir da busca pela própria identidade;

b) Fomento à criação de pequenas associações de produtores, gerando a prática da ação direta;

c) Inserir ou trabalhar nas comunidades meios de inserção da pedagogia libertária em escolas comunitárias, associações etc;

d) Realização de oficinas de formação nas comunidades, valorizando a auto-estima individual e coletiva, promovendo, por esse modo, uma educação política, participativa;

e) Incentivo à produção cênica visando discutir aspectos locais de nossa luta social;

f) A integração via participação ativa nas rádios comunitárias.

Conclusões

A procura constante por uma identidade regional, capaz de nortear as bases orgânicas do movimento anarquista, vem se delineando num dos principais desafios rumo à construção de um socialismo realmente comprometido com seu conteúdo libertário, coerente com sua proposta organizacional.

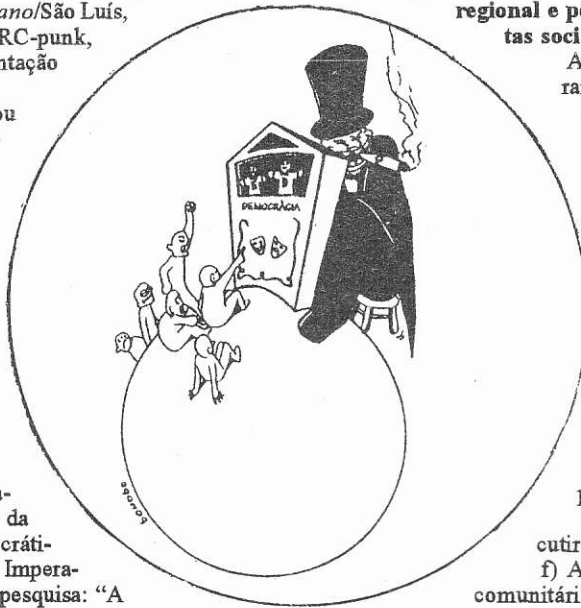
Com o I Fórum Libertário do Araguaia-Tocantins esperamos ter contribuído para o enriquecimento de um anarquismo essencialmente voltado para as lutas populares, em seu teor regional.

No mais, nosso cordial agradecimento aos que direta ou indiretamente contribuíram para efetivação do I Fórum. Ensejamos encontrá-los novamente, com o mesmo entusiasmo, no Fórum Nacional.

Até logo Companheiros!

Sem arreios, nem canga, pela autonomia no comunismo libertário!!!

A Comissão - APL/ART (CP 431; CEP 65903-970; Imperatriz/MA)



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: CELIP/VIDEO, CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ * LETRALIVRE, CP 50083. CEP 20062-970. RIO/RJ * RUPTURA/LEL, CP 4071. CEP 20001-970. RIO/RJ * CCS/SP, CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP * ANA, CP 78. CEP 11525-970. CUBATÃO/SP * MLPL, CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * APPL, CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * NUELCA, CP 14. CEP 48000-970. ALAGOINHAS/BA * ULBS, CP 2137. CEP 11060-970. SANTOS/SP * FCL, CP 10.115. CEP 58109-970. CAMPINA GRANDE/PB * JULI, CP 308. CEP 95001-970. CAXIAS DO SUL/RS * ORL, CP 1278. CEP 66017-970. BELEM/PA * MAP/BA, CP 185. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * FAG, CP 5036. CEP 90041-970. PORTO ALEGRE/RS * CLG, CP 5191. CEP 74021-970. GOIÂNIA/GO * RP-SP, CP 1020. CEP 08741-970. MOGI DAS CRUZES/SP * FACA, CP 1206. CEP 66017-970. BELEM/PA * CL, CP 1000. CEP 78005-970. CUIABA/MT * RP-RJ, CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ * LUTA LIBERTÁRIA, CP 11.639. CEP 05059-970. SÃO PAULO/SP * CNA, CP 294. CEP 01059-970. SP/SP * COM.LUT, CP 768. CEP 13001-970. CAMPINAS/SP * FL, CP 951. CEP 69010-970. MANAUS/AM * CRAP, CP 584. CEP 14801-970. ARARAQUARA/SP * LIBELUTA, CP 1062. CEP 88330-970. BALN. CAMBORIÚ/SC * OPUSCULO LIBERTÁRIO, CP 15. CEP 11401-970. GUARUJÁ/SP * AFIM, CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN * MAR, CP 12042. CEP 02013-970. SÃO PAULO/SP * CCL-FL, CP 88. CEP 44001-970. FEIRA DE SANTANA/BA.

... ANDRE MID